TL 295-26

II Jornadas de Timor da UP

TEMA III - CULTURA E ESTRUTURA SOCIAL

O TIMORENSE
PREDADOR OU ECOLOGISTA?

Francisco Xavier A. S. de Menezes

1-INTRODUÇÃO

Durante uma observação participante da vida dos timorenses em dezasseis anos da minha permanência no Timor Português (1955-1971) e mediante uma análise crítica da tradição oral, tentei apreender e compreender o seu sistema ancestral de protecção do solo, do meio ambiente e ainda de pessoas e bens.

Além de meios humanos comunitários como vigilantes, milícias, ordenanças e/ou rondas, cuja utilização me parece, em boa parte, posterior à presença da Administração Portuguesa, recorriam a normas protectoras mágico-religiosas de apreciável eficiência prática.

2-O CONCEITO DE LÚLIK

Como autêntico pivot ou núcleo, simultaneamente motivador e inibidor dessas normas protectoras figura o LULIK, cujo significado e alcance procurarei transmitir, mau grado a complexidade e dificuldade da tarefa que não se compadece das limitações duma comunicação como a presente.

A religião tradicional do timorense, classificada pela Missão Antropológica de Timor como sendo animista, aparece sob forma diversificada, ora tomando aspectos de manismo, ora de totemismo, zoolatria, fitolatria e até de culto sideral, surgindo sempre a palavra lulik, cujo sentido vou tentar caracterizar à luz do que observei e investiguei.

O timorense acredita na existência duma força ou princípio vital, cuja ideia confunde com a própria alma dos vivos ou espíritos, quer dos antepassados, quer da Natureza. Ora esta força vital pode tomar aspectos superlativos, tornando-se num poder oculto, misterioso que é preciso dominar ou cativar, dado que preside ao seu destino corpóreo.

Constata-se, no entanto, uma distinçãoque, para o timorense, parece algo óbvia e nítida, entre os dois aspectos que esse poder parece assumir: o benéfico, protector ou, pelo menos, disciplinador, e o maléfico e destruidor. O primeiro aspecto leva a consi-

derar a força oculta como venerável, quase sagrada e é então que aparece a palavra lulik. Trata-se dum conceito que se pode considerar mágico-religioso. Mágico, porque procura dominá-lo, tratando-se, no entanto, do que se designa por "magia branca" utilizada para fins protectores, propiciadores ou defensivos - em suma, construtivos. Religioso, porque, ao mesmo tempo, procura captar as suas graças, pedindo a sua protecção mediante súplicas, preces e promessas. Quanto ao segundo aspecto que a força oculta pode tomar, é essencialmente considerado maléfico e destruidor, aproximando-se do conceito de "magia negra", essencialmente demófona e desintegrante. É então que nos aparece a palavra buank, ou suank sendo esta força maléfica representada por certos espíritos maus que, em regra, estão associados a bruxos, conhecidos também pela mesma designação.(1)

Éinteressante notar-se que esta distinção entre os aspectos benéficos e maléficos do poder oculto aparece também nos aborígenes da Austrália Central sob as designações de Churinga e Arunquiltha; na Malásia, como Kramat e Badi; em Marrocos, como Baraka e Bas; entre os Iroqueses, como Orenda e Otkou. (2) Em Bali, a mesma distinção aparece como Baronde e Rangda.

Aludindo novamente ao poder oculto sob o primeiro aspecto (o lulik), este aparece , para efeitoe de culto, localizado nos objectos que se julgam a ele associados e que servem de intermediários ou como uma subtantivação da força que é considerada em si imaterial, um espírito puro irradiando vitalidade. Daí, o dizer-se que determinado objecto, árvore ou rocha é lulik, ou simplesmente falar-se num lulik que aparece num certo local, nascente, etc., quando não esteja consubstanciado numa enguia, giboia, crocodilo ou outro animal.

Esta força superlativa - que costuma confundir-se também com os espíritos dos antepassados míticos que se sublimam e relacionar-se com os objectos a eles pertencentes - pode ser também concebida como uma energia universal, imanente, uma espécie de mana, dotado de eficiência mística inesgotável, uma corrente susceptível de ser captada por adeptos iniciados na técnica indispensável.

2.1-PROTECÇÃO DE PROPRIEDADE

Um dos casos típicos de protecção de propriedade por via má-

gico-religiosa era da utilização dos Hórok ou objectos como catannas, ramos de certas árvores, cordas, etc. que se dependuravam na cerca duma propriedade ou numa árvore, depois de se fazerem ritos para a captação do lulik que passava a localizar-se no objecto escolhido, protegendo a propriedade contra intrusos e gatunos que receavam que a catana lhes cortasse os corpos - e até as almas -, ou que o ramo os fustigasse, ou que a corda os prendesse com nós, etc.

É interessante, a este propósito, fazer referência às formas de protecção mágico-religiosa da propriedade, existentes entre os Melanésios, tais como, kayatapaku: folha de palmeira colocada em volta dum coqueiro ou doutro tipo de palmeira, indicando que foi pronunciada uma fórmula que provocará automaticamente doença ao gatuno; kayatubutabu, magia executada sobre todos os coqueiros da comunidade, geralmente antes da aproximação duma festa para os tornar férteis, proibindo a colheita ou distribuição das nozes, mesmo que sejam importadas. Gwara: um pau colocado numa rocha, pelo qual se considera tabu a exportação de certos objectos de uso corrente necessários para trocas nas cerimónias rituais, encorajando a sua importação. (3)

2.2-PROTECÇÃO DO SOLO; DAS NASCENTES, ZONAS DE PESCARIA, ETC.

Outro aspecto interessante era a protecção, que se obtinha contra a erosão florestal, e o controle que se fazia do uso das terras, mediante certos ritos após os quais determinadas matas ou zonas passavam a ser consideradas lulik. Note-se que o conceito de lulik, palavra vulgarmente traduzida em português como"sagrada", apresentava-se como disciplinador por excelência. o facto de a qualidade de lulik se apresentar, simultânea e paradoxalmente, como uma "energia que atrai e repele, que mata e ressuscita... coisa inviolável, símbolo, ser animado digno de respeito", como a descreve Ruy Cinatti, é devido à relatividade da mesma força que, se é protectora quanto ao indivíduo ou grupo que a ela recorre, terá que exercer sanções contra os que transgridem ou procuram desrespeitar a proibição ou protecção. (4) Há que sublinhar, no entanto, que ao contrário do que tantas vezes se tem afirmado e escrito, nunca constatei que os Timorenses a considerassem como energia essencialmente destruidora ou mesmo demófona,como acontece com o princípio oposto da buank (bruxo ou embruxado).

2.3-ESTABILIDADE ECONÓMICO -SOCIAL E DISCIPLINA MORAL

É através de conceito de lulik como força disciplinadora, que outrora a sociedade Timorense regulava a distribuição de alimentos, a defesa contra a promiscuidade durante as festas e rituais, a defesa da propriedade, etc....

A natureza deste trabalho não me permite alongar, entrando em pormenor sobre cada um dos assuntos; anotarei apenas que, além dos tàbus alimentares de origem totémica, havia outrora - e ainda existem, embora em menor grau - proibições temporárias e periódicas, sempre sob a imposição lulik de não consumir determinados alimentos antes da época dos ritos funerários, antes dos ritos laudatórios que seguem as colheitas, etc.; assim, não só se regulava o consumo dos bens, como se garantia a sua abundância na ocasião das festas e ritos. Também nestas ocasiões havia rigorosos tàbus sexuais sob a ameaça de o poder oculto lulik provocar morte violenta ou a esterilidade dos transgressores, o que é muito temido dos Timorenses.

Uma das características outrora mais vincadas, quando se davam grandes aglomerações era o tàbu de comensalidade entre homens e mulheres, tanto nos cobertos ou locais destinados aos refeitórios, como para os dormitórios, o que ainda hoje se nota nos "estilos", feitos de uma forma rigorosamente tradicional.

É que, como afirmou entre nós o Professor António de Almeida, os tàbus alimentares e sexuais são "fontes inesgotáveis de disciplina e procedimento das sociedades" e "meios indirectos de profilaxia individual e colectiva." (5)

Em certos casos, havia lulik identificados com nomes, havendo-os também uns mais rigorosos, disciplinadores ou exigentes do que outros. Os mais exigentes eram conhecidos por lulik manas, acreditando que a força de que dispunham era mais activa e violenta, sendo por isso mais temidos e respeitados. Duma forma geral, quando acreditavam que determinado lulik é manas (em sentido literal, quente) - os sacrifícios eram feitos com animais de pelagem negra, sendo os outros propiciados ou acalmados com animais de pelagem vermelha ou castanha.

Toda esta gama de conceitos mágico-religiosos, centrados na

ideia de lulik, era utilizada para manter a estabilidade social e uma certa disciplina moral, transparecendo os príncípios que informam o carácter abstracto e universal da lei moral (bonum faciendum, malum vitandum). É que "Religião sem moral é o mesmo que sociedade sem normas jurídicas" (6) e a religião "forma uma parte do sistema de segurança do grupo". Como observa Kluckhonn, até o relativismo ético, que foca as diversidades dos códigos morais entre povos diferentes e que procura apontar para o encadeamento científico e lógico na ética metafísica e teológica, "acabou por concluir erradamente que não existem valores universais (pan-humanos) e que nenhum código era digno de ser defendido. (7)

3-O PRESENTE E O FUTURO

Pelo que ficou exposto e pela observação de métodos agrícolas tradicionais timorenses, podemos concluir sem grande margem de dúvida que a cultura tradicional timorense tinha mecanismos próprios para manter o equilíbrio económico-social e, acima de tudo, o equilíbrio homem-solo. Longe de ser predador, como tantas vezes, levianamente, se tem afirmado e escrito, o timorense, salvaguardados os seus excessos dionisíacos, era um autântico ecologista.

Porém o tempo não para. A aculturação, métodos de vigilância por meios humanos como guardas florestais, rondas, etc. tem substituido os processos tradicionais e a redução da efectividade do conceito de lulik como disciplinador sócio-económico tem tido efeitos algo desastrosos na matéria da defesa florestal e de solos. Lains e Silva chegou a verberar os que "...ignorando o valor profundo daquelas supertições, se insurgiam contra elas, em nome duma razão e progresso material que era, afinal pura superstição europeia". Foi, portanto, uma nova " superstição tecnicista" que, inadvertidamente, contribuiu para destruir uma prática milenária, apoiada por normas mágico- religiosas (8).

Anote-se, a este respeito, que, Cinatty sabendo que o catolicismo estava a ter um papel relevante na substituição da religião tradicional timorense, chegou a propor ao Bispo de Timor que benzesse as zonas florestais previamente delimitadas por técnicos dos serviços competentes, o que não chegou a efectuar-se. (9)

3.1-A OCUPAÇÃO E RESISTÊNCIA

A situação dos solos e do equilíbrio sócio-económico em Timor está a agravar-se na conjuntura presente, com uma guerra de

usura e desgaste, como a de guerrilha sustentada pela resistência timorense perante um invasor que não se coibe de pilhar e incendiar indiscriminadamente, chegando a utilizar lança-chamas e bombas de nepalm. Está-se também a assistir a exploração agrícola descontrolada e inadequada em relação ao mapa de solos, como se está a verificar com o café, a borracha e o cravinho-da Índia e com introdução dos chamados "cash-crops" como a canela, a pimenta e o chá. A própria exploração e exportação do sândalo, proibida pelos portugueses desde o século passado e mais rigorosamente desde os anos vinte do presente século, atingiu 560 toneladas em 1982, excedendo qualquer ano dos séculos XIX e XX! (10)

3.2-<u>O FUTURO</u>

Conjugando os esforços da diplomacia portuguesa, de organizações de Timorenses e Pro-Timorenses em Portugal, na Austrália, Europa Ocidental e até nos E.U.A. e Canadá, com as evoluções - e porque não? - mutações que se registam ultimamente pelas quais países com regimes totalitários estão a beneficiar da nova vaga democratizante que varre todos os continentes (vejamos exemplos flagrantes como os do Paquistão, Nações do Leste Europeu, países africanos do Centro e do Sul, Chile e Nicarágua na América Latina, etc.), tudo se pode e deve esperar, desde que se mantenha um esforço conjugado e persistente, sem esmorecimentos. É que nos tempos que decorrem, a REALIDADE consegue às vezes ser mais veloz do que o SONHO!

Numa perspectiva autonomista e independentista, Timor, antes de enfrentar os grandes desafios próprios da sua afirmação internacional como um novo País in fieri, vai ter de fazer face a problemas básicos de sobrevivência física da sua população, com prioridade para a protecção, aproveitamento e revitalização dos seus solos, saneamento das suas planícies e terrenos mais humíferos e recuperação do equilíbrio entre a população e o ambiente (11)

Por mim, dentro da modéstia da minha experiência, conhecimentos e capacidades - e estou certo que muitos serão, além dos timorenses, os Amigos de Timor que dirão o mesmo - desde já me coloco à disposição dum Timor-Leste a caminho da autodeterminação e da Liberdade.

NOTAS

1- Menezes, Francisco Xavier de - Contacto de Culturas no Timor Português. Edição policopiada, Universidade Técnica de Lisboa, ISCPU 1968 págs. 164 e 165.

2- Welester, Hutton - La Magie dans les Societés Primitives, Payot, Paris, 1952, pág. 34

3- Malinowsky, B. - Moeurs et coutumes de Mélanesiens, Payot, Paris, 1933, págs. 46 e 47

4- Cinatty, Ruy - A pescaria de Bé-Malai, Edição CITT, Dili s/d, pág. 41

5- Almeida, António - Das mutilações étnicas dos indígenas de Timor, Boletim da AGU nº 257, Lisboa 1946, pág. 95

6- Santos, Eduardo dos - Sobre a Religião dos Quiocos, JIU, Estudos, Ensaios e Documentos, nº 46, Lisboa, 1962, pág. 24

7- Kluckhom, Clyde - Mid. Century Manners and Morals, In Culture and Behaviour, The Free Press of Glencoe, N. York 1962, pag, 335

8- Silva, Helder Lains - Timor e a Cultura do Café, In Memórias, Série de Agronomia Tropical, I, JIU, Lisboa, 1956, págs. 92 e 93

9- Silva, Helder Lains - Ob. cit., pág. 92 (nota)

10- Leite, Pedro Pinto - As Potencialidades Económicas de Timor- Leste e Questões de Direito Internacional com elas Relacionadas, In "Primeiras Jornadas de Timor da Univ. do Porto", 1989, págs 64 e 65

11- O melhor trabalho no sector de "ordenamento rural" é de Metzner, Joaquim K. - Man and Environment in East Timor. A Geoecological Analysis of the Baucau-Viqueque area as a Possible Basis for Regional Planning, Camberra, 1977.